

ORLANDO A. GARCIA *

ANIMAÇÃO CULTURAL

DO OUSAR EXPRESSAR-SE AO MODO DE SER CULTURAL-LOCAL

Ponto zero (precauções preambulares)

Na primeira pessoa do singular, quero começar por dizer que este artigo não tem condições de um aprofundamento teórico desejável. É um artigo circunstancial: corresponde à circunstância de uma comunicação no Seminário «Portugal 1974-1984 — Dez anos de transformação social». Esta prática de intervenção na vida social que dá pela designação de «Animação Cultural» está agora a começar a ser estudada-compreendida. Eu, entre outros, estou a estudá-la, praticando-a também. Ainda não atingi uma configuração globalmente satisfatória para uma lógica organizativa das variáveis em jogo. Vislumbres a confirmar. Investigações e acções em curso.

A visão teorizante que tenho da Animação, bem como o interesse empenhado neste domínio «marginal», são engendrados pela minha trajectória pessoal (sociólogo nómada): activista juvenil, grupo das primeiras licenciaturas em Sociologia do país (com as inerentes atribulações), 25 de Abril aos 25 anos, intervenção, passagem pelo Estado, organização de formação, muitos percursos, associativismo, educação de adultos, docência, estudo, animação, educação infantil, investigação. Atenção centrada num conjunto de questões: as sociabilidades, o quotidiano, a intervenção-mudança, comportamentos-condutas sociais, e aprendizagens.

Corpos teóricos de referência: na sociologia sobretudo Alain Touraine e Pierre Bourdieu (mas também Certeau e

* Licenciado em Sociologia. Professor do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa.

Baudrillard, entre outros), e muitos (sobre) saltos interdisciplinares-antropologia, psicossociologia, semiótica, história, ensaio, física, bastante literatura, pedagogia e psicanálise. Complementarmente, curiosidades visuais e atracção pelo espectáculo.

Ainda se justificam aqui algumas precisões conceptuais. As necessidades culturais são produto da educação e dos processos de socialização. A realidade social, nas suas situações concretas, é resultado de práticas sociais, de entre as quais as «práticas-hábitos culturais» são intervalares. O campo cultural (das disposições e pré-disposições) é intersticial e insinuante. Estamos no intrincado campo da historicidade — o campo central das transacções entre a produção do social e a reprodução do mesmo. Terreno de relações de classe e de processos determinantes, que é também o domínio das pré-figurações e das transformações simbólicas. Os estilos de vida e as suas razões sócio-poéticas — «os contextos» nas ligações entre o sentir, o pensar, e o fazer. A produção de influências, em pleno sistema político-institucional. E ainda a activação de outras relações entre papéis sociais, consequentemente outras autoridades e regras, no sistema organizacional. O campo cultural é sistemático e atravessa as várias categorias da prática social.

Nos modos de tentar perceber: fascínio pela metodologia, em recente sistematização, da «Investigação-Accção» — questionamentos flutuantes, com dispositivos instrumentais gradualmente rigorosos.

Este artigo circunstancial é uma consequência da inserção deste tema na mesa-redonda sobre Os Movimentos Sociais pela Melhoria das Condições de Vida. Curiosamente, o tema final do Seminário — «A Cultura e os Novos Modos de Vida» — irrompeu previamente quando se abordou os movimentos e as condições de vida. Nesta mesa-redonda os aspectos em foco eram Saúde, Habitação, Movimentos Urbanos e Movimentos Rurais, e ali pelo meio Animação Cultural.

A «comunicação» procurou mostrar a importância intersticial deste campo de acção concreta, numa forma teoricamente dignificante. Como objecto a intervenção comunicante nos intervalos, enquanto meio de penetrar na esfera da reprodução social — comunicar/actuar/conhecer/mudar/re-conhecer/comunicar...

Este Seminário foi um esforço de distanciamento simpática, e tanto quanto possível rigorosa, sobre o período do post-25 de Abril. Aconteceu que na maioria das ocasiões se terá reduzido demasiado à leitura do período imediatamente após (1974-1976). Mas foi-se verificando uma tentativa de crítica da prática, para

dos enredos chegar às intrigas. Descrever mas à procura das relações sociais.

Táctica para a abordagem deste assunto da «Animação»: dividir em quatro tempos, ritmar, insistir numa perspectiva diacrónica. Ter subjacente que a transformação social se produz em tempos. Articulação desses tempos.

Foi introduzida uma alteração na indicação desencadeadora por parte dos organizadores do Seminário, que sugeria um enfoque no sentido «da animação à desanimação». Houve, portanto, uma inflecção do sub-título no sentido das condições de expressão e do modo de ser cultural-local — uma lenta produção de autonomias possíveis. Convicção de que neste campo da animação, a dispersão da intensidade tem tido consequências na profundidade.

Ponto um: clarificação do assunto

Este assunto da Animação é mais antigo do que o conceito. Este termo remete para a intervenção consciente em práticas sócio-culturais. Designa uma intenção, acompanhada de formas de acção. Equivale ao activismo sócio-cultural, que está intimamente ligado ao desenvolvimento dos modernos associativismos. Trata-se da vertente da expressividade, da mediação com públicos restritos, e da sociabilidade convivencial desses associativismos — consequência do surgimento das sociedades complexas e da transformação das sociedades tradicionais. Era, no passado, uma actividade integrada. Destacou-se à medida em que a vida social se foi desintegrando, e em que foram sendo sucessivamente necessárias mais e novas mediações. Rupturas no tecido social portador de cultura. A enculturação carenciada de dispositivos propositadamente colocados.

A sociedade razonante que tem sido produzida ao longo do último século, com a predominância das relações secundárias, tem conhecido uma crescente desunião, pela ruptura dos laços fundamentais. É evidente a carência de uniões, no sentido das mediações estruturais e institucionais que asseguram a criação de laços entre indivíduos e sistemas. São sobretudo nítidas três categorias de carências: ao nível da desorganização das estruturas sócio-económicas (com repercursões nomeadamente no mercado do emprego), ao nível da sobre-organização das estruturas tecno-burocráticas (nomeadamente pela tendência para as «instituições-coisas»), e ao nível das alterações das estruturas psico-sociológicas (com relevo na chamada «crise de autori-

dade»). O que é feito da vida intersticial, das práticas da convivência e da sociabilidade primária?

A Animação Cultural processa-se através da produção de acontecimentos de satisfação, que possam dar sentido à vida social, pela re-actualização das rotinas. É neste aspecto que a festa tem uma particular importância, pela sua possibilidade de adequação às novas necessidades sociais. Momentos fortes na renovação dos factos culturais. Re-aprendizagem na produção de explicações.

Na inspiração teórica de Pierre Bourdieu, trata-se de uma acção dirigida ao «habitus», entendido como a grelha de disposições adquiridas que gera a sucessão das práticas, o continuum de agentes sociais semelhantes confrontados com situações idênticas. É, portanto, uma acção no domínio dos processos simbólico-ideológicos.

As práticas de animação cultural têm-se desenvolvido num terreno ambíguo de circulação de bens culturais, e de produção de serviços de relacionamento. É na origem, uma prática decorrente de iniciativas associativas, e tem vindo gradualmente a institucionalizar-se como um novo tipo de «resposta». Depois do Serviço Educacional, e do Serviço Social, tende a implantar-se um Serviço Cultural.

Os actores sociais envolvidos nestas práticas ainda se dividem entre os voluntários-amadores (os «carolas» e activistas benévols), e os funcionários (com diferentes graus de profissionalização, em diversos suportes institucionais). A medida em que os poderes instituídos atribuem importância à organização dos tempos livres e dos lazeres, vão implementando novos equipamentos colectivos e gradualmente têm-se criado postos de trabalho para «animadores». A formação de animadores é uma actividade em expansão. Um campo de actividades dispersas — este da animação — em que umas são militantes-activistas, outras amadoras-voluntárias, e outras em regime de enquadramento profissional ou semi-profissional. Estamos perante um cruzamento entre o movimento e o sistema.

Instrumento de emancipação e de autonomia, e instrumento paliativo de manipulação gratificante. Animação-expressividade e criatividade colectiva sobre o universo próximo, animação-acesso a bens específicos, e animação-entretenimento.

Efectivamente, a animação constitui um campo esbatido, sinalizado por um termo a que se somam diversos apêndices: cultural, sócio-cultural, sócio-educativo, pedagógico, social, infantil, juvenil, desportiva, turística, religiosa, e até comercial.

Ponto dois (antecedentes da animação)

A animação tem as suas raízes no desenvolvimento dos vários associativismos das sociedades modernas. Radica-se na capacidade de afirmação e enunciação dos movimentos populares. É uma forma de intervenção intrinsecamente ligada ao esforço de educação popular desencadeado a partir do século XIX. Foi nessa luta pela instrução e pela educação que adquiriu os seus contornos: as actividades expressivas paralelas e o recreio (um termo deveras interessante — «re-creio»).

A animação surge quando os movimentos populares se exprimem simbolicamente, e quando refazem as práticas de convivência, e quando celebram, e quando produzem a sua própria comunicação. É uma actividade pulvilhada e subjacente. Tem a ver com o estabelecimento de cadeias de comunicação no processo de criação de valores. São os movimentos sociais o lugar estratégico em que se criam explicitamente valores, nas sociedades modernas-mutáveis. Animação das vontades e alargamento da consciência social por via da diversificação das formas de solidariedade (já não circunscrita à vizinhança e parentesco).

Podemos reconhecer este tipo de intervenção nos sucessivos associativismos:

- nas celebrações do associativismo de entre-ajuda;
- nas lutas do associativismo urbano;
- na criação de serviços de solidariedade social do associativismo de bairro;
- na acção cívica do associativismo de resistência;
- e nas inovações do recente associativismo de circunstância.

Associações como condição de higiene democrática e como processo de educação permanente. A associação como lugar colectivo de realização de práticas qualificadas, no qual os actores podem ser protagonistas do seu próprio desenvolvimento (cultural).

Na segunda metade deste século XX, a vida social tem vindo a ser cada vez mais identificada com as condutas culturais e com os problemas da personalidade, enquanto a vida política é identificada com a gestão da economia. Verifica-se uma dissociação entre o modo de funcionamento e o modo de transformação da sociedade. O espaço da animação tem estado nas contradições dessa dissociação. Os conflitos sociais desenvolvem-se diferentemente, e exprimem-se diferentemente. Ani-

mação ligada à «cultura popular» que se formula pela arte de fazer, que é uma arte combinatória-utilitária. Na referência de Michel de Certeau, estas práticas-operações fragmentárias, intesticiais aos aparelhos de reprodução instalados, têm uma lógica inerente ao ratio «popular», ou seja, uma maneira de pensar investida numa maneira de agir (arte de combinar indissociável da arte de utilizar). A acção cultural processa-se da forma para o conteúdo. É um factor de modernidade.

Ponto três (as subsequências do 25 de Abril)

O 25 de Abril de 1974 é caracterizado entre outros aspectos, pela emergência da palavra, da comunicação, do barulho. Com o verbo transformador, estamos declaradamente em animação. A historicidade fica à superfície, está ao alcance. As estruturas sociais estão em transformação acelerada.

O período 74/75/76 é marcado por milhentas iniciativas. Os movimentos populares refazem-se em torno das necessidades e criam novas expectativas. Predominam as novas formas associativas — as organizações populares de base territorial (comissões de trabalhadores, comissões de moradores, comissões de pais, etc.). As colectividades tradicionais ficam esvaziadas dos seus quadros, e de grande parte dos seus activistas e frequentadores. Abrem-se diversas frentes de mobilização e de intervenção. A animação está na resposta aos problemas, na melhoria das condições de vida. Há uma componente animação nas lutas e intervenções na saúde, na habitação, no controlo da produção, na criação de novos equipamentos colectivos, na apropriação de poderes locais, etc. É neste período que aparece o substantivo: ser «animador».

A animação demonstra-se um campo de actividade provisória e transitória. Estamos perante um novo veículo de mobilidade social.

Os dirigentes associativos das associações e colectividades, a partir do 25 de Abril vão para outras organizações — muitos deles são hoje autarcas, ou sindicalistas, ou quadros partidários, ou são pequenos empresários. A partir de 1975 começaram a surgir «animadores» em várias áreas de intervenção. A actividade de animação tem sido transitória no percurso social da maioria desses actores sociais. Começou a configurar-se um domínio de actividade com algumas especificidades para estes novos mediadores. Actividades intermediárias com agentes transitoriamente disponíveis. Alguns começaram a fazer as suas carreiras neste ambíguo campo. As acções formativas aplicadas

começaram a desenvolver-se, e valorizou-se uma lógica de autodidactismo e de formação por ocasiões. Em sobreposição às tradicionais colectividades, surgiram novos tipos de associações, com objectivos pragmáticos, e com novos estilos de actuação. E mais uma vez, desenvolveu-se uma dinâmica transitória. A animação tem sido um significativo canal de mobilidade social, com um multivariado trânsito. Algumas das personagens-notoriedades locais têm passado pela animação, bem como alguns «comunicadores» de índole artístico-cultural, bem como, ainda, alguns dos funcionários-inovadores. Talvez se possa dizer que a animação também se caracteriza por uma tendência para a provisoriedade e transitoriedade.

É no post-25 de Abril que se formula um entendimento da animação:

- um processo (para continuar);
- uma acção de base, através de grupos restritos, com referência à globalidade de um determinado território;
- uma incidência nas práticas quotidianas, em vista da sua qualificação;
- recurso a técnicas de comunicação, de forma a favorecer as relações interpessoais e a expressividade;
- uma ligação aos problemas realmente prementes;
- desenvolvimento da criatividade nas formas participativas, na criação de condições emancipativas.

Ao lado da animação local, surgiu também a animação esporádica (colónias de férias, festividades ou celebrações periódicas, etc.). Em simultâneo com a animação, desenvolviam-se outras formas de acção cultural: a dinamização (marcada pela sua efemeridade de impacto), a agitação (determinada pela sua capacidade de mobilização pontual) e a difusão (caracterizada pela circulação de bens de fruição cultural). Confrontaram-se as estratégias de democratização da cultura e das condições de democracia cultural. A batalha já perdida na educação, seria viável na «cultura»?

A seguir ao 25 de Abril a animação cultural desenvolveu-se em dois planos:

- componente lúdica e de fruição na vida quotidiana — os intervalos com o prazer à superfície (produção de alegria colectiva);
- instrumento ao serviço da satisfação das necessidades básicas (a nova comunicação utilitária e a criação de ocasiões para a renovação das relações interpessoais).

Muitas das conquistas tiveram estas dinâmicas a impulsioná-las. Uma intervenção em direcção às disposições, aos ambientes-geradores. Insinuação de utopias.

É também sobretudo a partir de 1975 que a animação entra nos «aparelhos»:

- começa com a acção dinamizadora do MFA, através da sua célebre 5.^a Divisão, que pretendeu desbloquear a comunicabilidade interior e desencadear condutas colectivas nos contextos mais renitentes à transformação;
- seguem-se vários organismos de um Estudo desestruturado, que encontra por esta via uma forma de seguir os acontecimentos e de recomençar a intervir, ainda sem controlar (com recurso às siglas principalmente — CIASC / FAOJ / INATEL / DGD / DGEP actual DGEA / JCCP e SEC actual MC);
- seguem-se depois as Câmaras Municipais e alguns organismos de vocação regional.

A animação a institucionalizar-se e a fazer parte das estruturas. Pode considerar-se que a animação foi uma componente subjacente a todos os movimentos populares, e foi gradualmente surgindo como componente-inovadora na re-actualização das respostas da administração pública.

Ponto quatro (último tempo)

A partir de 1977 conhece-se um retraimento e depressão da sociedade civil. A animação começa a circunscrever-se aos poderes locais (é propositadamente que se usa o plural) e aos residuais projectos alternativos. Está nos resíduos dos movimentos, e no sistema é uma estratégia maleável de desenvolvimento local e regional. Esta prática é retirada da superfície imediatamente visível e subsiste nas periferias. É uma forma de intervenção que começou a adquirir estatuto (por ex. tem serviço próprio no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, que funciona como paradigma de prestígio cultural).

O campo da animação conhece novos actores implicados (talvez mais uma vez transitórios): são os militantes e activistas partidários desiludidos e são os independentes actuantes. Do desencanto do projecto de sociedade passa-se para o projecto de quotidiano. Projectos alternativos e militantes alternativos. A aposta modificou-se e já não é um novo modelo de sociedade, mas tão-somente o aqui e agora.

É também a partir de 1977 que se inicia a sistematização, a reflexão e as tentativas de articulação. Desencadeia-se um processo de Encontros nacionais e regionais (de associações e animadores) que está agora a gerar a sua quarta realização (após seis anos de interrupção). A animação e as práticas associativas começam a ser objecto de estudo e discussão teórica. A formação de animadores procura uma política coerente. A animação está de facto a entrar no campo político-institucional. Abrange neste momento milhares de funcionários (se incluímos outros profissionais destacados para estas funções — também estes transitórios).

Nas práticas residuais a actividade da animação está ligada aos novos movimentos sociais: ecologia, emancipação feminina, afirmação juvenil, etc. E está presente em diversos projectos de desenvolvimento global integrado. O campo da animação deixou de ser evidente e dispersou-se: passou para os poderes locais (para as proximidades).

É assim que podemos ver na animação um campo de transferências dos movimentos para os aparelhos-sistemas, ao nível das respostas inovadoras a problemas desconhecidos, principalmente o da desagregação dos grupos primários e da consequente necessidade de renovação das sociabilidades. Intervenção nas condições de mentalidade — um novo modo de ser cultural-local, face ao impacto persistentemente unificador e embasbacante dos meios de comunicação de massas. Um universo visível a partir de um território próximo demasiado intrincado-distante. A animação como ambição estratégica numa prática social invadida por tácticas de utilizadores semelhantes. Da animação simbólica tem-se passado gradualmente à animação concreta: pela sedução e pela manipulação.

Efectivamente este tema «marginal» é legítimo neste Seminário: dez intensos e rápidos anos de transformação social. A animação esteve antes (é um factor de modernidade), sobressaiu durante, e continua depois (a inovação resistente).

Para finalizar registam-se alguns indicadores optimistas da situação actual:

- assiste-se a uma revitalização das iniciativas da malha associativa (como exemplo mais interessante os Centros Culturais Regionais de projecto cooperativo);
- verifica-se inovação na produção de factos culturais, com integração de parcelas qualificadas do imaginário libertado à volta do 25 de Abril;

- desenvolve-se uma articulação flutuante (nomeadamente através de vários tipos de encontros);
- estão em curso diversas investigações, e algumas das mais significativas são de iniciativa autónoma.

Também se poderiam referir indicadores pessimistas, mas isso implicaria a análise de bastantes variáveis perversas (o que não deixa de ser indispensável, mas não aqui, nem já).
Acabou esta circunstância. Outras virão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bourdieu, Pierre (1979), *La distinction-critique sociale du jugement*, Les Éditions de Minuit, col. Le sens commun.
- Certeau, Michel de (1980), *L'invention du quotidien/Arts de faire*, Union Générale D'Éditions, Col. 10/18.
- Touraine, Alain (1984), *Le retour de l'acteur*, Fayard, Col. Mouvements.
- Semear para unir, associação (1984), «O associativismo, tradição e arte do povo de Almada», Câmara Municipal de Almada.